**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO**

**UNIDADE ACADÊMICA DE TRÊS RIOS**

# O papel da mulher no mercado de trabalho: o caso da região metropolitana de São Paulo

JOICILENE GUEDES TEODORO

**Três Rios, RJ.**

**2010**

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO**

**UNIDADE ACADÊMICA DE TRÊS RIOS**

# O papel da mulher no mercado de trabalho: o caso da região metropolitana de São Paulo.

JOICILENE GUEDES TEODORO

*Sob a Orientação do Professor*

Gilberto Abrantes Filho

Monografia submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Bacharel** no curso de Ciências Econômicas da UFRRJ, Unidade Acadêmica de Três Rios.

Três Rios, RJ.

2010

*Para minha família, que sempre acreditou no meu potencial e sem a qual, nunca teria tido o ímpeto do estudo.*

*Para os professores que me ajudaram na consolidação da minha formação acadêmica.*

*Em especial a DEUS, que me escolheu, capacitou e preparou. Sem a Sua direção eu não daria nenhum passo certo.*

*"Os filósofos limitaram-se a interpretar o mundo de diversas maneiras; o que importa é modificá-lo".*

*Karl Marx*

.

*"Dá instrução ao sábio, e ele se fará mais sábio; ensina o justo e ele aumentará em doutrina".*

***Provérbios 9,9***

# RESUMO

A inserção da mulher no mercado de trabalho foi uma grande conquista e mudou, com certeza, o perfil trabalhista no Brasil, principalmente, a partir da década de 1970. Mesmo com inúmeras barreiras e dificuldades, a mulher vem conquistando cada vez mais o seu espaço. A crise na década de 90, que causou impacto também no Brasil, juntamente com a chegada da globalização, as privatizações e a abertura econômica, que tiveram início no governo de Collor e expandiu-se no governo de Fernando Henrique Cardoso, trouxe a economia brasileira, grande transformações. Nesse período, o Brasil passou por uma fase de aumento na taxa de desemprego, tanto para os homens, quanto para as mulheres, e nesse presente estudo, mostra em especial, o caso da região metropolitana de São Paulo. Contudo, não se pode negar que, mesmo diante de crises e através de muita luta, discriminações e preconceitos, as mulheres mostraram seu valor e hoje estão inseridas em diversos setores de trabalho. Para atingir o propósito dessa monografia, buscou-se evidenciar a importância da mulher no mercado de trabalho, mostrando os pontos positivos e negativos, focando nas mudanças que ocorreram no âmbito familiar e, também nas transformações que essas mudanças causaram na economia.

# LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

Tabela 1 - Número de Empregos Formais no Grupo de Diretores e Gerentes, por Sexo
Estado de São Paulo: 1989-2000.....13

Tabela 2 - Evolução da taxa de participação por sexo, segundo faixa etária
Região metropolitana de São Paulo - 1989/96 - (em %).....23

Tabela 3 - Distribuição dos ocupados por sexo, segundo setor de atividade
Região metropolitana de São Paulo - 1996 - (em %).....24

Tabela 4- Número de Empregos Formais no Grupo de Trabalhadores do Comércio, por Sexo
Estado de São Paulo: 1989-2000.....25

Gráfico 1- Distribuição dos Empregos das Mulheres, segundo Grandes Grupos de Ocupações
Estado de São Paulo: 1989-2000.....36

# SUMÁRIO

RESUMO…….....VI

LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS.....……...……..VII

INTRODUÇÃO…….....….……....1

OBJETIVO.....……...….....3

1 -A HISTÓRIA DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO….....…….....……4

1.1 A INSERÇÃO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO.....4

1.2 O MOVIMENTO FEMINISTA E AS MUDANÇAS NO COMPORTAMENTO DAS MULHERES APÓS ALGUMAS CONQUISTAS.....8

1.3 AS MULHERES MOSTRAM O SEU VALOR E SE TORNAM BEM-SUCEDIDAS EM SUAS CARREIRAS.....12

2 -A CRISE E O MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO NOS ANOS 90: GLOBALIZAÇÃO, ABERTURA ECONÔMICA E PRIVATIZAÇÕES..... 20

2.1 CRESCE O INDÍCE DESEMPREGO NO BRASIL NA DÉCADA DE 90.....21

3 -ESTATÍSTICAS SOBRE A INSERÇÃO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO: A REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO .....32

4 -CONCLUSÃO.....38

BIBLIOGRAFIA.....41

# INTRODUÇÃO

Nesta monografia será abordada a importância da inserção da mulher no mercado de trabalho, o motivo que a levou a buscar ajudar no sustento da família e, com isso ela se tornou economicamente ativa. Será mostrado como se deu essa evolução, que teve início, na década de 1970.

De acordo com alguns acontecimentos históricos e governamentais, no caso do Brasil, a mulher buscou essa inserção, porque viu a necessidade de contribuir no orçamento familiar, e conseguiu conquistar cada dia mais o seu espaço, tanto na sociedade quanto na economia.

Serão abordadas também algumas transformações que ocorreram na economia brasileira, na década de 1990, por causa da abertura econômica, da vinda das privatizações e a globalização. Essa década foi marcada por grandes acontecimentos que acarretaram um alto índice de desemprego, tanto feminino quanto masculino.

O perfil das famílias mudou também porque, uma vez inserida no mercado de trabalho, a mulher busca hoje não só o trabalho por necessidade, como foi no início da história dessa inserção, mas para a realização pessoal e profissional.

A metodologia utilizada nesse trabalho buscou apresentar os pontos principais que caracterizaram a inicialização da mulher no mercado de trabalho e toda a evolução que houve na inserção. Foi usada a metodologia documental ao analisar informações adquiridas de artigos e documentos específicos de que trata o assunto abordado, a metodologia bibliográfica ao se consultar livros e monografias voltadas para esse tema, artigos de revistas, meios televisivos e páginas da internet. Os métodos de pesquisa usados foram o objetivo, com dados centrados na realidade histórica observada, principalmente, focando a região metropolitana de São Paulo, na década de 1990, período e lugar escolhido para essa análise sobre o mercado de trabalho feminino.

Este estudo está organizado em quatro capítulos, além da introdução. No capítulo um estão expostos os principais dados referentes ao início dessa inserção da mulher no mercado de trabalho. O capítulo dois é destinado a falar sobre a crise que ocorreu em 1990 e, como algumas transformações tiveram grande impacto na economia brasileira. No capítulo três, foram apresentados dados específicos da região metropolitana de São Paulo, baseados nos estudos realizados pela Fundação SEADE e o quarto e último capítulo apresentam-se as conclusões que este estudo conseguiu alcançar.

# OBJETIVO

O objetivo desse estudo é mostrar as transformações na participação da mulher no mercado de trabalho do Brasil tendo como foco principal a Região Metropolitana de São Paulo, sobretudo a partir dos anos 90.

**Estrutura da Análise**

## 1.A história da mulher no mercado de trabalho

### 1.1.A inserção da mulher no mercado de trabalho

A inserção da mulher na vida política e no mercado de trabalho está diretamente ligada a evolução do capitalismo. Nos países ricos, os movimentos feministas remontam o século XIX, principalmente nos centros urbanos. À medida que crescia a necessidade de braços na manufatura, ampliava-se a participação de mulheres e crianças nas fábricas européias. No Brasil, embora a agricultura fosse o setor dominante, mulheres e crianças também estavam presentes nas atividades produtivas.

O trabalho feminino não é uma invenção da modernidade. Nas sociedades primitivas, o trabalho da mulher era reservado para o trato da terra, do rebanho, para a confecção dos utensílios domésticos e de vestuário, entre outras atividades ligadas aos cuidados da habitação e da prole. Essa divisão social do trabalho se manteve praticamente inalterada até a Idade Média, visto que a estrutura patriarcal relegava às mulheres posição subalterna na produção, em muitos casos, limitada ao atendimento da família. Durante a sua vida produtiva a mulher geralmente era mantida na condição de aprendiz sem jamais alcançar o posto de mestre, restava, portanto, resignar-se à espoliação do marido, dos mestres artesãos e dos abades nos ateliês dos conventos.

O florescimento do mercado na 1ª Revolução Industrial mobilizou capital e mão-de-obra para garantir o lucro, destino do capitalista. Em alguns períodos, as

---

Fonte: PROBST, Elisiana Renata.// A evolução da mulher no mercado de trabalho:/Instituto Catarinense de Pós-Graduação – ICPG:/
Disponível em: <http://www.icpg.com.br/artigos/rev02-05.pdf> Acesso em: 17 jun. 2010.

oportunidades de ganho superavam a capacidade instalada de produção, exigindo o empenho de todos os trabalhadores disponíveis. Assim, mulheres e crianças foram levadas para as fábricas para garantir a manutenção do processo de acumulação capitalista, pois os avanços tecnológicos permitiram a substituição dos trabalhadores especializados por mão-de-obra não-qualificada (mulheres e crianças) e, consequentemente, o rebaixamento de salários.

No século XIX, a ociosidade era considerada perigosa para o funcionamento do aparelho social, daí a necessidade do assistencialismo como amortecedor das tensões interclasses. Essa assistência, entretanto, não estava limitada à distribuição de recursos, mas devia prover também uma atividade aos *sem-trabalho,* que eram geralmente considerados como pessoas *sem-coragem* e responsáveis pela situação de miséria que estavam enfrentando . Nesse contexto, o trabalho não era um direito, mas um dever, pois quem não trabalha era prontamente considerado delinquente.

O crescimento intenso da atividade econômica nessa fase do capitalismo exigia o esforço permanente de expansão do contingente de trabalhadores, mesmo que intercalado por períodos de oferta excedente de mão-de-obra. Assim, para o conjunto da sociedade vigorava a percepção de que a condição de desocupação era transitória, e, tão logo a oscilação da produção que havia causado aquela interrupção do trabalho fosse superada, as pessoas seriam novamente reintegradas às suas atividades.

Na virada do século XX, o crescimento econômico (e dos lucros) não mais dependia exclusivamente da intensificação da exploração do trabalho. A "gerência

---

Fonte: PROBST, Elisiana Renata.// A evolução da mulher no mercado de trabalho:/Instituto Catarinense de Pós-Graduação – ICPG:/
Disponível em: <http://www.icpg.com.br/artigos/rev02-05.pdf> Acesso em: 17 jun. 2010.

científica" de Taylor e Ford foi acompanhada de transformações na legislação trabalhista que poupavam a integração das mulheres e crianças à linha de produção. As transformações na organização da produção levaram os capitalistas a perceberem que o crescimento da produtividade e o avanço da acumulação requeriam a estabilidade da mão-de-obra, movimento que abriu caminho para a relação salarial apoiada no contrato coletivo e institucionalizado de trabalho.

Pouco a pouco *os pobres permanentes,* ou seja, os vagabundos, os pedintes e os incapazes, seriam diferenciados dos *pobres ocasionais*: operários regulares desocupados por razões que independem de sua vontade. Estes seriam os *verdadeiros desempregados* e, para eles, cumpriria organizar instrumentos de assistência que viabilizassem sua retomada às atividades produtivas no menor prazo possível. A criação das agências de colocação não apenas facilitou a reinserção ocupacional dos desempregados, mas implicou também na legitimação dessas pessoas como tal, separando-as dos dependentes das iniciativas de caridade (os pobres permanentes).

Na França, a Constituição de 1946 marcou o nascimento do *desemprego moderno,* quando passou a ser considerado como desempregado todo indivíduo disponível e à procura de um emprego. Esse novo "paradigma", ao legitimar a *condição de trabalhador* exercida pelos operários, tornou o trabalho um *direito* do cidadão, e não mais um *dever*. Isso significa que o Estado passou a ter a *obrigação* de garantir os meios de sobrevivência dos trabalhadores, abrindo caminho para o surgimento das políticas de bem-estar social.

---

Fonte: OLIVEIRA, Alberto ; Potengi, F. . O papel dos negros e das mulheres na estratégia das empresas. In: V SIMPÓSIO de GESTÃO e ESTRATÉGIA em NEGÓCIOS, 2007, Seropédica. Anais do V SINGEN. Seropédica : SINGEN/UFRRJ, 2007.

Entretanto, nem todos tinham esse *direito.* Existiam os desempregados de *1ª classe,* ou seja, o *desempregado-padrão,* caracterizado por homens de meia-idade, casados e chefes de família. Esse perfil correspondia ao *trabalhador-modelo* para o qual os mecanismos governamentais de proteção dariam prioridade no passado e continuam dando no presente. Embora façam parte do mercado de trabalho, as mulheres e os jovens cujo chefe de família está empregado ou se encontra em situação de desemprego indenizado não gozam dos mesmos benefícios à disposição do desempregado-padrão. Trata-se de desempregados de *2ª classe.*

Na base dessa pirâmide *socio-ocupacional* estão as pessoas que não são reconhecidas como desempregadas: em geral, os idosos e os estrangeiros, que tem acesso apenas a pequenos trabalhos que são reservados aos inaptos ou às tarefas cujos cidadãos plenamente reconhecidos não se interessam ou exigem remuneração acima daquela que pode ser oferecida às pessoas em condições menos privilegiadas. Não é difícil perceber que contingente importante de mulheres negras pertence aos escalões mais baixos dessa pirâmide dado o intenso fluxo migratório oriundo do norte da África. Assim, no primeiro mundo, como no Brasil, a combinação "mulher negra" implica quase sempre em condições adversas no mercado de trabalho.

Após a II Guerra Mundial, o amadurecimento das atividades produtivas incrementou a participação da mulher do mercado de trabalho. Através da evolução dos tempos, as mulheres conquistaram seu espaço. Analisando essa evolução, em relação ao comportamento da força de trabalho feminina no Brasil, podemos constatar que, graças a sua persistência e vontade de ser reconhecida, a mulher passa a

---

Fonte: OLIVEIRA, Alberto ; Potengi, F. . O papel dos negros e das mulheres na estratégia das empresas. In: V SIMPÓSIO de GESTÃO e ESTRATÉGIA em NEGÓCIOS, 2007, Seropédica. Anais do V SINGEN. Seropédica : SINGEN/UFRRJ, 2007.

conquistar cada vez mais o seu espaço.

Na década de 1970, devido a transformações culturais e econômicas, acelerou-se a entrada de mulheres no mercado de trabalho brasileiro que, abandonando a caracterização "do lar", passaram a exercer papel importante na sociedade e na economia. Saindo das rotinas diárias, dos afazeres domésticos, a mulher passa a adotar uma postura pública, impulsionada, principalmente, pelos movimentos feministas.

O crescimento da atividade feminina no mercado de trabalho foi amplificado com o avanço da urbanização e também ao aumento das atividades industriais. Na verdade, todo esse progresso da inserção da mulher na economia, tem como bases principais, três fatores importantes, que são: o cultural, o demográfico e o econômico. O papel da mulher perante a sociedade e a economia, em geral, muda e ela passa a ser destaque e exemplo em alguns casos, se equipara a força de trabalho dos homens, mas isso pode ser constatado no capítulo a seguir.

## 1.2. O movimento feminista e as mudanças no comportamento das mulheres após algumas conquistas.

Entre a década de 1960 e 1970, mesmo com o Brasil vivendo em uma ditadura militar, surge uma nova retomada do movimento feminista pelas mãos de Romy Medeiros da Fonseca, movimento esse que foi chamado de Conselho Nacional de Mulheres do Brasil. O movimento dá ênfase, a questões que já eram importantes e que

---

Fonte: Wikipédia, a enciclopédia livre. Texto: Feminismo no Brasil/ Século XX/ Dias Atuais/ História. Disponível em < http://pt.wikipedia.org/wiki/Feminismo_no_Brasil > Acesso em 05 jul 2010.

precisavam ser discutidas e resolvidas, como por exemplo, a questão da igualdade entre esposo e esposa no casamento, também, a introdução do divórcio na Legislação Brasileira.

Nesse período, as mulheres se organizaram para formar uma militância contra o regime militar, durante a ditadura. Não se importavam com as diferenças de classe social, partidos políticos, nem tão pouco diferenças de idade que existia entre elas, porque o foco principal, era defender seus ideais. Elas conquistaram mais espaço, conforme se integravam nas discussões, debates e questões sociais. O movimento feminista, foi muito importante pois fez com que as mulheres tomassem consciência de que eram tão capazes, quanto os homens, de trabalhar fora e também, exercerem as mesmas funções.

No ano de 1975, a ONU organizou o "*Ano Internacional da Mulher*". A questão da inserção da mulher no mercado de trabalho e, também num papel mais atuante na sociedade, passou a ser tema de constantes discussões nas universidades e em meio aos profissionais liberais. Houve no Brasil, na mesma época, um movimento chamado Semana de Pesquisa Sobre o Papel e Comportamento da Mulher Brasileira. E como teve um bom êxito, em setembro de 1975, foi criado um órgão denominado de Centro da Mulher Brasileira, esse órgão é institucionalizado e responsável por intermediar e articular os objetivos feministas em forma de ação coletiva. Foi, a partir desse Centro da Mulher Brasileira, que houve a proposta de um centro de estudos que

---

Fonte: Wikipédia, a enciclopédia livre. Texto: Feminismo no Brasil/ Século XX/ Dias Atuais/ História. Disponível em < http://pt.wikipedia.org/wiki/Feminismo_no_Brasil > Acesso em 05 jul 2010.

promoveu grandes seminários e grandes discussões e pesquisas sobre a condição da mulher. Daí surgiram várias publicações em jornais e revistas além da produção de livros.

No ano de 1980, as mulheres tiveram uma nova conquista, que foi a criação do programa de tv, chamado de *TV Mulher,* na Rede Globo. Esse programa tratava de diversos assuntos, como por exemplo, cozinha e decoração, era um canal direto. Posteriormente, surgiram novos questionamentos, outros assuntos que as mulheres queriam que fosse também abordados no programa, como a questão da sexualidade, da liberdade, das mudanças no corpo, etc. Foi um programa de grande sucesso e que proporcionava as mulheres, a oportunidade de interagir com a apresentadora, e ter seus questionamentos esclarecidos.

As conquistas foram acontecendo aos poucos, no cenário das lutas das mulheres pelo seu espaço. Movimentos foram criados, programas de incentivo, convenções e reuniões, para tratar a questão dos direitos femininos. Contudo, nos anos 80, os setores empregatícios passaram a olhar, de forma positiva para o trabalho feminino. Aceitando assim as mulheres, como parte integrante do seu quadro de funcionários. Tornando-se elas, neste momento, membro das empresas, tanto quanto os homens.

O *Movimento Feminista,* sofreu um impacto grande, no ano de 1980, por conta da crise que se instalou no Brasil. Crise esta que afetou tanto o setor econômico, quanto o político. Com isso, o *Movimento Feminista* passa por uma reestruturação.

---

Fonte: Wikipédia, a enciclopédia livre. Texto: Feminismo no Brasil/ Século XX/ Dias Atuais/ História. Disponível em < http://pt.wikipedia.org/wiki/Feminismo_no_Brasil > Acesso em 05 jul 2010.

Nesse momento histórico, ele não se concentra mais num único grupo, porque com a democratização, as mulheres começaram a trabalhar em vários grupos não governamentais. Sendo assim, não há mais, na causa feminista, uma unificação.

Foram criados então, a partir dos anos 80, alguns fóruns, por causa dessa dissolução das organizações feministas. Um dos fóruns mais importantes criado nessa época, foi o *Fórum Feminista* no *Rio de Janeiro.* Onde as mulheres passaram a se reuinir, em 1985, mais regularmente. No ano de 1983, foi criado, através de decretos oficiais, o *Conselho Nacional dos Direitos da Mulher*. Em São Paulo, foi criado o *Conselho Estadual da Condição Feminina*.

É importante enfatizar, que nesse mesmo ano, mulheres de diversos partidos, uniram-se num propósito comum (defesa dos Direitos da Mulher), e passaram a ocupar 26 cadeiras como deputadas constituintes. Conseguindo assim, representar seus projetos sobre os Direitos da Mulher, e também, a inserção cada vez maior da mulher no mercado de trabalho e na sociedade. Todos esses fatos históricos, serviram de base para a integração da mulher em todo meio social, cultural, na política e principalmente de trabalho. Essas conquistas que as mulheres adquiriram com muita luta, trouxe grande impacto para a economia, como um todo.Como será mostrado nos capítulos a seguir.

---

Fonte: Wikipédia, a enciclopédia livre. Texto: Feminismo no Brasil/ Século XX/ Dias Atuais/ História. Disponível em < http://pt.wikipedia.org/wiki/Feminismo_no_Brasil > Acesso em 05 jul 2010.

**1.3 - As mulheres mostram seu valor e se tornam bem-sucedidas em suas carreiras.**

Antes de conquistar seu espaço no mercado de trabalho, as mulheres exerciam, basicamente, trabalhos em lavouras, afazeres domésticos e se dedicava a maternidade. Antigamente, não tinha o direito de trabalhar e de receber salário. Mas, quando conseguiam algum tipo de trabalho, recebiam sempre um valor inferior em comparação ao pagamento dos homens.

Nos dias atuais, o mundo moderno, já apresenta uma relevância na predominação do "mundo feminino" sobre o "mundo masculino". Há anos atrás, ainda era comum perceber que havia empregos e serviços para "mulheres" e "homens", porém, hoje as mulheres já exercem funções de todos os tipos, e muita das vezes, com melhor desempenho e qualidade do que os homens.

Hoje é comum ter mulheres trabalhando no setor judiciário (cargos esses que somente eram preenchidos por homens), como por exemplo: juízas, advogadas, promotoras. Temos também mulheres atuando na área de transportes, dirigindo ônibus, carretas, etc. Algumas tem cargos de chefia nos governos, executam serviços em todos os níveis executivos das empresas. Conquistaram tanto espaço e respeito, que já chegaram até se eleger presidente da república.

De acordo com pesquisas do SEADE podemos comparar a evolução da mulher

---

Fonte: SEADE.//O Emprego Feminino no Estado de São Paulo na Década de 90://Mulher & Trabalho, Boletim 09.//São Paulo:/set.2002.// Disponível em:< http://www.seade.gov.br/produtos/mulher/index.php>
Acesso em: 08 jul. 2010.

e a conquista por cargos até então somente possíveis aos homens.

**Tabela 1**

**Número de Empregos Formais no Grupo de Diretores e Gerentes, por Sexo**

**Estado de São Paulo**

**1989-2000**

| Famílias Ocupacionais | Total | | Mulheres | | Homens | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | 1989 | 2000 | 1989 | 2000 | 1989 | 2000 |
| **Total** | **136.942** | **199.092** | **21.805** | **59.079** | **115.137** | **140.013** |
| 211 - Membros superiores do Poder Legislativo | 141 | 165 | 16 | 61 | 125 | 104 |
| 212 - Membros superiores do Poder Executivo | 6 | 77 | 2 | 14 | 4 | 63 |
| 213 - Membros superiores do Poder Judiciário | 2.130 | 2.770 | 227 | 801 | 1.903 | 1.969 |
| 214 - Funcionários públicos superiores | 11.663 | 32.451 | 4.581 | 13.193 | 7.082 | 19.258 |
| 221 – Diplomatas | 146 | 106 | 67 | 55 | 79 | 51 |
| 231 - Diretores de empresas manufatureiras | 4.581 | 3.088 | 321 | 295 | 4.260 | 2.793 |
| 232 - Diretores de empresas agropecuárias, pesqueiras e extrativas | 407 | 249 | 53 | 20 | 354 | 229 |
| 233 - Diretores de empresas de produção e distribuição de energia elétrica, gás e de serviços de água e esgoto | 306 | 409 | 57 | 53 | 249 | 356 |
| 234 - Diretores de empresas de construção civil | 932 | 510 | 124 | 55 | 808 | 455 |
| 235 - Diretores de empresas de comércio atacadista e varejista, empresas hoteleiras e estabelecimentos similares | 1.209 | 1.390 | 126 | 214 | 1.083 | 1.176 |
| 236 - Diretores de empresas de transportes e comunicações | 688 | 894 | 84 | 125 | 604 | 769 |
| 237 - Diretores de empresas financeiras | 3.566 | 4.370 | 321 | 572 | 3.245 | 3.798 |
| 238 - Diretores de empresas de serviços comunitários e sociais | 1.133 | 4.058 | 493 | 2.340 | 640 | 1.718 |

| | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 239 - Diretores de empresas não classificados sob outras epígrafes | 2.990 | 5.421 | | 336 | 1.300 | 2.654 | 4.121 |
| 241 - Gerentes administrativos e assemelhados | 38.328 | 43.873 | | 6.484 | 14.013 | 31.844 | 29.860 |
| 242 - Gerentes de produção e de pesquisa e desenvolvimento | 19.717 | 19.916 | | 1.787 | 3.505 | 17.930 | 16.411 |
| 243 - Gerentes financeiros, comerciais e de publicidade | 34.471 | 57.021 | | 4.931 | 17.027 | 29.540 | 39.994 |
| 249 - Gerentes de empresas não classificados sob outras epígrafes | 14.528 | 22.324 | | 1.795 | 5.436 | 12.733 | 16.888 |

**Fonte:** Ministério do Trabalho e Emprego – MTE/Relação Anual de Informações Sociais – Rais.

Tais conquistas trouxeram benefícios como a aceitação da mulher como força representativa de trabalho, inserindo a mulher na sociedade e no meio cultural. Passaram a ter seus direitos reconhecidos perante a sociedade (antes machista) dos homens. Mas, em contra partida , elas perderam em alguns pontos. Deixou de certa forma, de ser considerada "sexo frágil" e com isso, alguns homens, as tratam de igual pra igual em todos os sentidos. Para a mulher, foi muito bom ter se inserido no mercado de trabalho e se equiparado aos homens, em relação a condições de força de trabalho, mas perderam um pouco da sua identidade feminina e isso assusta um pouco alguns homens, faz com que eles se sintam ameaçados de alguma forma. Porque a sociedade sempre foi muito machista, desde os primórdios, não é fácil aceitar a que as mulheres estão ganhando mais espaço, e que muitos desses espaços eram somente dos homens.

Os homens respeitam as conquistas das mulheres, mas já não as enxergam, como

---

Fonte: SEADE.//O Emprego Feminino no Estado de São Paulo na Década de 90://Mulher & Trabalho, Boletim 09.//São Paulo:/set.2002.//

Disponível em:< http://www.seade.gov.br/produtos/mulher/index.php>

Acesso em: 08 jul. 2010

sendo tão frágil, como antigamente. Porque em muitos casos, as mulheres estão se destacando muito em relação aos homens e eles estão perdendo algumas oportunidades de empregos para as elas.

**Exemplo de mulheres bem-sucedidas:** Abaixo segue a lista das mulheres mais poderosas do mundo em 2008, feita pela revista americana Forbes e divulgada pelo jornal o Estado de São Paulo:

Angela Merkel: chanceler alemãSheila C. Bair: presidente da Comissão Federal de Seguros de Depósitos (FDIC) dos Estados Unidos

Indra K. Nooyi: presidente mundial do Grupo Pepsico

Angela Braly: presidente e CEO da WellPoint (EUA)

Cynthia Carroll: diretora executiva do Anglo American (Reino Unido)

Irene B. Rosenfeld: chairman e CEO da Kraft Foods (EUA)

Condoleezza Rice: secretária de Estado dos EUA

Ho Ching Chief: CEO da Temasek Holdings (Cingapura)

Anne Lauvergeon: CEO da Areva (França)

Anne Mulcahy: chairman e CEO da Xerox (EUA)

Gail Kelly: diretora executiva e de planejamento do Westpac Bank

Patricia A. Woertz: presidente da empresa agrícola Archer Daniels Midlan (ADM)

Cristina Kirchner:presidente da Argentina

Christine Lagarde: ministra de Economia, Finanças e Emprego da França

Safra A. Catz: presidente e diretora finenciera da Oracle

Carol B. Tome: vice-presidente executiva e diretora financeira da Home Depot

Yulia Tymoshenko: primeira-ministra de Ucrânia

Mary Sammons: Chairman, chefe executiva e presidente da Rite Aid

Andrea Jung: chairman,  e diretora executiva da Avon

Marjorie Scardino: diretora executiva da Pearson PLC (Reino Unido)

Sonia Gandhi: presidente do Partido do Congresso da Índia

Risa Lavizzo-Mourey: diretora executiva e presidente da The Robert Wood Johnson Foundation (EUA)

Sri Mulyani Indrawati : Ministra de Economia e Finanças da Indonésia

Dr. Julie Gerberding: diretora de Centros de Controle e Prevenção de Doenças nos Estados Unidos

Michelle Bachelet: presidente do Chile

Ellen Alemany: diretora executiva do Royal Bank of Scotland Americas

Carol Meyrowitz: diretora executiva e presidente do The TJX Cos.

Hillary Rodham Clinton: senadora por Nova York e ex-primeira-dama dos EUA

Hynd Bouhia: diretora geral do Casablanca Stock Exchange no Marrocos

Anne Sweeney: presidente do Grupo de televisão Disney-ABC

Valentina Matviyenko: governadora de St. Petersburg, na Rússia

Nancy Tellem: presidente do CBS Paramount Television Entertainment Group

Ann Livermore: vice-presidente executiva da Hewlett-Packard

Marina Berlusconi: Chairman do Finivest Group and Mondadori Group na Itália

Nancy Pelosi: democrata e presidente da Câmara de Representantes dos EUA

Oprah Winfrey : apresentadora de televisão americana e chairman da Harpo

Gulzhan Moldazhanova: diretora executiva da Basic Element

Aung San Suu Kyi: primeira-ministra do Myanmar e Nobel da Paz

Lynn Laverty Elsenhans: diretora executiva e presidente da Sunoco

Melinda Gates: co-fundadora e co-chairman da Bill & Melinda Gates Foundation

Gloria Arroyo: presidente das Filipinas

Jane Mendillo: presidente e diretora executiva da Harvard Management Co

Linda Z. Cook:diretora executiva de gás e energia do Royal Dutch Shell

Laura Bush: primeira-dama dos Estados Unidos

Brenda Barnes: diretora executiva da Sara Lee

Christine Poon: vice-chairman, Johnson & Johnson

Neelie Kroes: Competition commissioner da União Européia

Amy Woods Brinkley: Global risk executive do Bank of America

Susan E. Arnold: presidente da Procter & Gamble

Susan Decker: presidente do Yahoo!

Ana Patricia Botin: presidente do Banesto, na Espanha

Tzipora Livni: vice-primeira-ministra e ministra de asssuntos estrangeiros de Israel

Dominique Senequier: diretora executiva da AXA Private Equity, na França

Amy Pascal: Co-chairman, Sony Pictures Entertainment

Ursula Burns: presidente da Xerox

Helen Clark: primeira-ministra da Nova Zelândia

Laura Desmond: diretora executiva da Starcom MediaVest Group Worldwide

Rainha Elizabeth II: Rainha da Inglaterra

Mayawati Kumari: chefe de ministério de Uttar Pradesh, na Índia

Judy McGrath: chairman e diretora executiva da MTV Networks

Meredith Vieira: Co-âncora do Today show programa da NBC News

Katie Couric: âncora da CBS Evening News, no canal CBS News

Barbara Walters: correspondente da ABC News

Sallie Krawcheck: chairman and diretora executiva de Global Wealth Management, Citigroup

Diane Sawyer: âncora do, Good Morning America na ABC News

Ellen Johnson-Sirleaf: presidente da Libéria

Janice Fields: diretora operacional de vice-presidente do Mc Donald's

Zhang Xin: diretora executiva e co-fundadora do Soho, na China

Zaha Hadid: fundadora da Zaha Hadid Architects

Yang Mian: presidente da Haier (China)

Tarja Halonen: presidente da Finlândia

Ruth Bader Ginsburg: presidente do Supremo Tribunal dos Estados Unidos

Hyun Jeong-Eun: chairman do Hyundai Group

Mary McAleese: presidente da Irlanda

Guler Sabanci: chairman do Sabanci Holding (Turquia)

Drew Gilpin Faust: presidente da Harvard University

Lisa M. Weber: presidente de Individual Business da Met Life

Dora Bakoyannis: ministra (Grécia)

Beth Brooke: vice-chairman global da Ernst & Young

Lee Myung-Hee: chairman do Shinsegae Group

Susan M. Ivey: diretora-executiva da Reynolds American

Nancy McKinstry: CEO da Wolters Kluwer

Janet L. Robinson: presidente  e diretora-executiva da The New York Times Co.

Margaret Chan: diretora-geral da  World Health Organization (Suíça)

Clara Furse: diretora-executiva da London Stock Exchange

Ellen J. Kullman: vice-presidente da DuPont

Susan Desmond-Hellmann: Genentech

Eva Cheng: diretora executiva da Greater China and Southeast Asia, Amway

Maha Al-Ghunaim: chairman, e diretora de planejamento da Global Investment House

Christina Gold: diretora-executiva da Western Union

Christiane Amanpour: correspondente internacional da CNN

Pamela Nicholson: presidente da Enterprise Rent-a-Car

Ann Moore: predsidente e diretora-executiva da Time Inc.

Sharon Allen Chair: Deloitte

Jing Ulrich: JPMorgan Chase China Equities

Rainha Rania Al-Abdullah: Rainha da Jordânia

Virginia Rometty: vice-presidente da IBM Global Business Services

Georgina Rinehart: dona e chairman da Hancock Prospecting

Kiran Mazumdar-Shaw: chairman e diretora de planejamento da Biocon

Paula Rosput Reynolds: diretora executiva da Safeco

---

Fonte: BRASIL PROFISSÕES. (2008).

Disponível em <http://www.brasilprofissoes.com.br/especial_mulheres.php?codigo=11 > Arquivo consultado em 2010.

## 2. A crise e o mercado de trabalho brasileiro nos anos 90 - Globalização, abertura econômica e privatizações:

Os anos 1990 representaram um período de grandes transformações na sociedade brasileira. Essa década foi marcada por importantes acontecimentos sociais, econômicos e políticos. Foi o início da globalização. O Governo Collor significou o início de uma ruptura que marcou definitivamente a trajetória brasileira. O mercado nacional que era até então, protegido da concorrência internacional, foi aberto à vinda dos produtos importados e se instaurou no Brasil, a abertura econômica.

O setor mais prejudicado com a vinda da concorrência internacional foi o da indústria de transformação, pois não tinha condições de competir com as indústrias estrangeiras, naquele momento. Muitas empresas aceleraram a introdução de novas tecnologias e aprimoramentos, para melhorar seus produtos e serviços, e assim, conseguirem se equiparar as novas condições do mercado.

Após três anos de governo, Collor se viu "obrigado" a deixar o poder, por pressão do povo que o instituiu do cargo de presidente e o conduziu ao seu *impeachment*. Assumindo o posto, ficou no poder, então o seu vice Itamar Franco.

---

Fonte: BRITO, Érico Henrique Garcia de, e MENDES, Áquilas. (2009). **Os impasses da política econômica brasileira nos anos 90**. Disponível em < http://www.faap.br/revista_faap/rel_internacionais/rel_04/garcia.htm > Arquivo consultado em 2010.

---

Fonte: GENNARI, Adilson Marques.//Globalização, neoliberalismo e abertura econômica no Brasil nos anos 90.//GPHEC da UNESP:// Pesquisa e debate, SP, volume 13, n. 1(21), p. 30-45, 2001.Disponível em: <www.pucsp.br/pos/ecopol/downloads/.../(21)adilson_marcos.pdf> Acesso em: 10 jul. 2010.

Posteriormente, na eleição subsequente, foi eleito como presidente Fernando Henrique Cardoso. Com a implantação do Plano Real, em 1994 o mandato de FHC foi marcado por grandes transformações econômicas.

De um modo geral, a política econômica externa nos anos noventa teve no processo de abertura da economia, um de seus aspectos mais dinâmicos e mais radicais.

Nesse sentido, o processo recente de reestruturação da economia brasileira, explica o que então, ficou denominado por globalização.

Entendemos que é da maior relevância ressaltar o sentido da atual política externa, uma vez que nos deparamos diante de algo novo para a realidade brasileira. Em 1990, a tarifa nominal média de importação, que era cerca de 40%, foi reduzida até atingir 13% em 1995.

Conforme pode-se notar, foi com a ascensão de FHC à presidência que o processo de liberalização e privatização de algumas indústrias e empresas intensificaram-se.

Essas mudanças na economia, que tiveram início no governo de Collor e seguiram também no governo de FHC, tiveram um grande impacto em relação à taxa de desemprego no país.

**2.1. Cresce o índice de desemprego no Brasil, na década de 90:**

A economia brasileira passou por grandes modificações ao longo da década de 90. Nesse período, ocorreram a queda na taxa de inflação e redução da presença do Estado na economia, e abertura da economia ao fluxo de comércio e de capitais internacionais.

---

Fonte: SEP. Convênio Seade- DIEESE//Mulher no Trabalho:/Cresce a participação da mulher no mercado de trabalho.//São Paulo:/mai 97//
Disponível em:<www.dieese.org.br/esp/es2mai97.xml>
Acesso em: 11 jul 2010

Por causa dessas mudanças estruturais, aconteceram efeitos importantes sobre a estrutura do crescimento da economia e o ritmo, afetando fortemente o desempenho do mercado de trabalho.

Entre os anos de 1990 e 1992, o país viveu uma forte recessão, com redução do nível de atividade e aumento da taxa de desemprego.

Com o aumento da proporção de trabalhadores informais e a redução do emprego industrial, combinado ao crescimento do rendimento real dos trabalhadores e do emprego nos setores comércio e serviços, podemos perceber claramente, que esses são alguns dos reflexos que explicam o desemprego no país na década de 90.

Não somente o aumento do nível de emprego nos setores comércio e serviços, como também com a chegada da crise asiática, a impossibilidade de manter o crescimento do produto devido à restrição externa levou a um forte aumento da taxa de desemprego aberto a partir do início de 1998.

De acordo com os dados do DIEESE, a taxa média de desemprego aberto pulou de 7% para mais de 12% na década de 90. O mercado de trabalho então caminha para a informalidade. Em 1989, havia 25,5 milhões de trabalhadores com registro em carteira.

Nos anos 90, a taxa global de participação feminina expandiu-se continuamente, tendo crescido 8,9% entre 1989 e 1996. Ao mesmo tempo em que a relativa aos homens diminuiu

---

Fonte: POCHMANN, Marcio. (1999). Estudo traça o novo perfil do desemprego no Brasil. Disponível em <http://www.almg.gov.br/revistalegis/Revista26/marcio26.pdf > Arquivo consultado em em 2010.

---

Fonte: SEP. Convênio Seade- DIEESE//Mulher no Trabalho:/Cresce a participação da mulher no mercado de trabalho.//São Paulo:/mai 97// Disponível em:<www.dieese.org.br/esp/es2mai97.xml>Acesso em: 11 jul 2010.

3,6%. O aumento recente da participação feminina no mercado de trabalho resulta, principalmente, da maior inserção de mulheres na faixa etária de 25 a 39 anos e de 40 anos e mais, cujas taxas alcançaram patamares sucessivamente mais elevados com expansões de 16,5% e 20,1%, respectivamente, desde o início dos anos 90.

Na tabela abaixo, podemos perceber que a mulher vem galgando seu espaço no mercado de trabalho cada vez mais.

**Tabela 2 - Evolução da taxa de participação por sexo, segundo faixa etária**

**Região metropolitana de São Paulo - 1989/96 - (em %)**

| Faixa etária | Mulheres | | Homens | |
|---|---|---|---|---|
| | 1989 | 1996 | 1989 | 1996 |
| **Total** | 46,1 | 50,2 | 77,3 | 74,5 |
| **10 a 14 Anos** | 9,7 | 7,9 | 19,4 | 13,6 |
| **15 a 17 Anos** | 55,3 | 46,4 | 74,9 | 59,1 |
| **18 a 24 Anos** | 67,8 | 69,9 | 92,6 | 89,0 |
| **25 a 39 Anos** | 58,2 | 67,8 | 96,4 | 95,0 |
| **40 anos e mais** | 33,4 | 40,1 | 72,7 | 74,1 |

Fonte: SEP. Convênio Seade / DIEESE.

*"Considerando a posição no domicílio, é possível verificar que o aumento da taxa de participação feminina foi determinado basicamente por sua elevação entre os cônjuges, cuja taxa cresceu 24%, ao passar de 39,1%, em 1989, para 48,5%, em 1996. No mesmo período, a taxa de participação das mulheres que ocupam a posição de chefe de família apresentou*

*crescimento da ordem de 3%, enquanto a relativa aos homens que se encontram na mesma situação recuou 1,5%."* (Fonte: SEP. Convênio Seade / DIEESE.)

Em muitos setores, as mulheres já estão se equiparando aos homens, em relação a aptidão para exercer as mesmas funções.

**Tabela 3 - Distribuição dos ocupados por sexo, segundo setor de atividade**
**Região metropolitana de São Paulo - 1996 - (em %)**

| Setor de atividade | Mulheres | Homens |
|---|---|---|
| **Total de ocupados** | 100,0 | 100,0 |
| **Indústria** | 17,4 | 26,3 |
| **Comércio** | 15,8 | 18,1 |
| **Serviços** | 47,5 | 49,3 |
| **Construção civil** | 0,5 | 4,7 |
| **Serviços domésticos** | 18,3 | 0,8 |

Fonte: SEP. Convênio Seade / DIEESE.

*"Quanto à função exercida, 60% das mulheres ocupadas em 1996 estavam em postos de execução, 27% desenvolviam atividades de apoio (serviços de escritório e serviços gerais) e 13%, funções de direção e planejamento. A proporção de mulheres que desempenhavam funções não qualificadas na execução é mais que o dobro da observada entre os homens."* (Fonte: SEP. Convênio Seade / DIEESE.)

---

Fonte: SEP. Convênio Seade- DIEESE//Mulher no Trabalho:/Cresce a participação da mulher no mercado de trabalho.//São Paulo:/mai 97// Disponível em:<www.dieese.org.br/esp/es2mai97.xml>Acesso em: 11 jul 2010.

As transformações ocorridas na classe feminina foram ganhando espaço ao longo dos anos, de forma a levar as mulheres a conquistarem espaços no setor trabalhista no qual anterior a década de 70, era uma realidade somente possível aos homens.

Os anos subsequentes foram marcados por estas transformações, em meados dos anos 90 o aumento de mulheres no setor trabalhista, ganhou uma grande proporção. Segundo dados da PEA em 1973 as mulheres representavam apenas 30,9 % da população econômica ativa, já nos anos 90 essa taxa aumenta para um total de 41,4 %. O que antes eram consideradas somente atividades para os homens, já não existem mais. As mulheres já inseridas no mercado de trabalho conquistam seus espaços e tomam partido de praticamente todas as atividades que os homens exercem. Não por simplesmente brigarem, lutarem por esse espaço, mas por merecerem, pois elas foram à luta, estudaram, se formaram, dedicaram-se ao que estavam pretensas a fazer.

Segue abaixo uma tabela que faz um comparativo entre mulheres e homens no setor comercial, nela percebe-se a evolução da mulher nesse campo:

**Tabela 4**

**Número de Empregos Formais no Grupo de Trabalhadores do Comércio, por Sexo**

**Estado de São Paulo: 1989-2000**

| Famílias Ocupacionais | Total | | Mulheres | | Homens | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | 1989 | 2000 | 1989 | 2000 | 1989 | 2000 |
| **Total** | **542.773** | **771.571** | **191.204** | **323.763** | **351.569** | **447.808** |
| 410 – Comerciantes (comércio atacadista e varejista) | 6.881 | 7.078 | 2.696 | 3.107 | 4.185 | 3.971 |
| 421 - Supervisores de vendas e trabalhadores assemelhados | 52.332 | 83.009 | 16.488 | 33.637 | 35.844 | 49.372 |

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 422 - Supervisores de compras e compradores | 19.908 | 17.953 | 3.088 | 5.276 | 16.820 | 12.677 |
| 431 - Agentes e inspetores técnicos de vendas | 8.834 | 9.098 | 1.549 | 2.820 | 7.285 | 6.278 |
| 432 - Vendedores pracistas, representantes comerciais e trabalhadores assemelhados | 33.371 | 35.990 | 5.091 | 9.953 | 28.280 | 26.037 |
| 441 - Corretores de seguros, de imóveis e de títulos e valores | 6.089 | 1.672 | 2.162 | 481 | 3.927 | 1.191 |
| 442 - Agentes de vendas de serviços às empresas | 4.291 | 6.313 | 1.543 | 3.422 | 2.748 | 2.891 |
| 443 - Leiloeiros, avaliadores e trabalhadores assemelhados | 917 | 1.816 | 77 | 285 | 840 | 1.531 |
| 451 - Vendedores do comércio atacadista e varejista e trabalhadores assemelhados | 294.392 | 367.977 | 123.779 | 179.772 | 170.613 | 188.205 |
| 452 - Vendedores ambulantes, vendedores em domicílio e jornaleiros | 4.679 | 5.720 | 682 | 1.713 | 3.997 | 4.007 |
| 453 - Demonstradores e trabalhadores assemelhados | 7.479 | 8.702 | 5.776 | 6.495 | 1.703 | 2.207 |
| 454 - Decoradores e trabalhadores assemelhados | 3.118 | 922 | 837 | 407 | 2.281 | 515 |
| 490 - Trabalhadores de comércio não-classificados sob outras epígrafes | 100.482 | 225.321 | 27.436 | 76.395 | 73.046 | 148.926 |

**Fonte:** Ministério do Trabalho e Emprego – MTE/Relação Anual de Informações Sociais – Rais.

Pouco a pouco as mulheres vão se desfazendo da imagem de serem apenas “do lar”, onde predominava uma atitude machista. A sociedade impunha às mulheres a obrigação de somente zelar pelos seus filhos e de serem subordinadas aos seus maridos. Sua tarefa era

---

Fonte: SEADE//O emprego feminino no Estado de São Paulo na década de 90://Mulher & Trabalho, Boletim 09.//São Paulo:/set.2002.// Disponível em:< http://www.seade.gov.br/produtos/mulher/index.php>Acesso em: 08 jul 2010

única e exclusivamente cuidar do seu lar e das pessoas que moravam nele, respondendo e obedecendo aos caprichos dos seus conjugues. Como já citado essa realidade começou a se distanciar das rotinas femininas, diante das I e II Guerras Mundiais, as mulheres tiveram que aprender a serem independentes, pois esse quadro se reverteu em algumas famílias. Muitas famílias se desestruturaram, pois os maridos voltavam da guerra mutilados ou mesmos mortos, tendo a mulher à necessidade de tomar partido da situação econômica da casa. Elas se encontraram obrigadas a terem atitudes, até então impossíveis a elas, como trabalhar nas empresas da família tomando partido do trabalho do marido ou mesmo, as das camadas mais pobres foram as ruas através do trabalho informal buscarem o sustento para o lar. Muitas refizeram a situação econômica da família com seu trabalho, seja ocupando os postos dos maridos falecidos ou produzindo especiarias, culinárias, ou seja, alguma forma de trabalho no qual conduziram suas habilidades a remuneração tão precisa naquela conturbada fase.

A partir de então a mulher começa a lutar pela sua independência, aumentando aí os preconceitos diante das posições sociais que almejavam alcançar.

Buscando cada vez mais ingressar no mercado de trabalho, a mulher passa a investir em sua capacitação. A partir dos anos 80 ela criou uma nova perspectiva, devido ao seu ingresso nas universidades e oportunidades de cursos para seu aprimoramento, com tantas mudanças e transformações em relação às novas chances de crescimento, a mulher mudou seu perfil da força de trabalho.

---

Fonte: MARUANI, M. ; HIRATA, H. Livro: **As novas fronteiras da desigualdade**: homens e mulheres no mercado de trabalho/ Texto: Mulheres e Homens no mercado de trabalho brasileiro: um retrato dos anos 1990. BRUSCHINI, C. ; LOMBARDI, M.R. São Paulo: SENAC, 2003, p. 323 à 356.

*“ Na década de 1990 tais transformações demográficas se consolidam, provocando a transformação da população brasileira e de suas famílias; a taxa de fecundidade caiu de 5,8 filhos, em 1970, para 2,3 filhos em 1999 e alteram-se os padrões de mortalidade, ambos processos que modificam a distribuição etária da população, em relação ao peso relativo da população infanto-juvenil e da população idosa.”*( Fonte: Livro: As novas fronteiras da desigualdade Homens e Mulheres no mercado de trabalho – Texto: Mulheres e Homens no mercado de trabalho brasileiro: um retrato dos anos 1990 (autoras: Cristina Bruschini e Maria Rosa Lombardi) – página 329).

De acordo com as mudanças já ocorridas nas décadas de 70 e 80, houve uma intensa redução no tamanho das famílias, constatando que muitas delas passaram a ser constituídas de apenas 3,4 membros. Percebe-se um impacto maior nos anos 90, onde essa taxa de fecundidade sofre uma queda de 2,6 % para 2,3 % nas famílias. Aumenta também o percentual das famílias chefiadas por mulheres, em 1998 chega a 26% do total das famílias brasileiras, sendo a grande maioria representada pela camada mais pobre da população. Com menos filhos e, consequentemente, menos obrigações domésticas as mulheres tem mais espaço para se dedicarem a suas carreiras e a conciliarem com o papel de esposa e mãe.

Um dos fatores que mais dificulta a dedicação da mulher no trabalho é cuidar tanto da família quanto dos filhos, essa sobrecarga acaba por diminuir a sua força de trabalho, e pode vir a desqualificar a sua real capacidade de exercer melhor as suas funções. Isso se torna uma barreira que impede a mulher de se equiparar ao perfil traçado pelos homens, que muita das vezes tem mais valor perante a sociedade.

---

Fonte:VEJA. Mulheres instruídas tem menos filhos. (2009). Disponível em < http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/mulheres-mais-instruidas-tem-menos-filhos > Acesso em 10 jul 2010.

De um modo geral, percebe-se que o aumento da participação da mulher no mercado de trabalho se faz necessário, devido ao crescimento do desemprego. Então, chega a ser uma questão de sobrevivência a introdução da mulher no campo de trabalho. Mesmo a mulher fazendo parte do contexto trabalhista tanto quanto o homem, não são oferecidas as mesmas condições e oportunidades. A discriminação que há em relação a mulher está associada entre outras causas, ao fato de que na nossa sociedade a criação dos filhos é "vista" como responsabilidade quase que exclusiva das mulheres. Mas, isso não acontece somente no Brasil. Esses obstáculos que as mulheres encontram para se tornarem economicamente ativas acontecem em todo o mundo.

Na década de 90, o perfil feminista muda, pois a mulher passa a dedicar mais o seu tempo no seu aperfeiçoamento profissional e também cultural. O mercado de trabalho está cada vez mais competitivo e exigente em busca de profissionais que estejam realmente aptos para desempenhar sua função com competência. A mulher em geral tende a investir mais nos seus estudos para conseguir mais espaço no mercado de trabalho, em todos os setores. De acordo com a Fundação SEADE, pesquisas mostram que no Brasil as mulheres são escolhidas para a maior parte das vagas, pois estão sempre em busca de mais instrução. Em 1994, 35% das mulheres contavam com o Ensino Médio completo, ao final da década esse número chegou a 43%.

---

Fonte: SEADE//O emprego feminino no Estado de São Paulo na década de 90://Mulher & Trabalho, Boletim 09.//São Paulo:/set.2002.//

Disponível em:< http://www.seade.gov.br/produtos/mulher/index.php>

Acesso em: 08 jul 2010.

---

Fonte: UOL. Aprendiz. (2002).
Disponível em:< http://www2.uol.com.br/aprendiz/n_colunas/g_piolla/id220502.htm >
Acesso em: 08 jul 2010.

Tornar-se independente e ter a sua competência reconhecida, realmente é motivo de grande orgulho para as mulheres e foi sem duvida uma grande conquista. Mas apesar dessa evolução da mulher, mesmo ela exercendo as mesmas funções que os homens e também de se qualificarem mais, na questão salarial há muitas disparidades. As mulheres ganham cerca de 30% a menos que os homens que exercem a mesma função. Percebe-se que quanto mais cresce o salário, numa determinada função, mais cai a participação feminina. Entre aqueles que recebem mais de 20 salários, apenas 19,3% são mulheres.

Em geral, a média dos rendimentos das mulheres é inferior a dos homens, no caso do estado de São Paulo, de acordo com dados do SEADE (Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados), essa diferença salarial chega a ser de quase R$ 260,00.

*"Parte dessa diferença reflete o que se poderia chamar de "discriminação salarial", isto é mulheres e homens exercendo a mesma ocupação, mas recebendo salários diferentes. Outros elementos igualmente contribuem para explicar tal discrepância, como a extensão da jornada de trabalho (em geral mais extensa entre os homens) e a qualidade das ocupações exercidas por homens e mulheres, o que poderia ser denominada "discriminação ocupacional ". No que diz respeito à jornada de trabalho, estudo recente elaborado pela Fundação Seade, para a Prefeitura do Município de São Paulo, estabeleceu comparações tomando como base o salário/hora de homens e mulheres e demonstrou que, nessa cidade, esses valores são muito mais próximos do que sugerem os rendimentos médios mensais: o salário/hora das mulheres correspondia a cerca de 95% do salário/hora dos homens. Pode-se argumentar que o acúmulo de afazeres domésticos e as maiores responsabilidades familiares impedem as*

---

Fonte: SEADE//O emprego feminino no Estado de São Paulo na década de 90://Mulher & Trabalho, Boletim 09.//São Paulo:/set.2002.//
Disponível em:< http://www.seade.gov.br/produtos/mulher/index.php>
Acesso em: 08 jul 2010.

*mulheres de estender sua jornada e, assim, ampliar sua remuneração. Se tal hipótese se sustenta, e há evidências para tanto, não se trata de uma discriminação salarial propriamente, mas dos diferentes papéis que homens e mulheres desempenham em nossa sociedade. Portanto, as diferenças de salários entre os sexos envolve questões muito mais profundas e complexas do que as contidas diretamente no mercado de trabalho. Quanto a aqui chamada "discriminação ocupacional", que se refere às barreiras enfrentadas pelas mulheres no acesso a determinadas ocupações, em especial as de maior remuneração, evidentemente, também tem implicações para a comparação de salários médios de homens e mulheres. Como as mulheres ainda enfrentam barreiras para o ingresso em ocupações mais valorizadas, social e economicamente, seus salários médios tendem a ser permanentemente inferiores aos dos homens. Nessas condições, tal diferença nos valores médios seria mantida mesmo que homens e mulheres recebessem salários iguais em ocupações iguais. Também sob essa ótica, reduzir a diferença entre salários médios de homens e mulheres é uma questão muito mais profunda e complexa do que a "discriminação salarial" deixa transparecer."* (Fonte: SEADE – Maior desigualdade de salário entre os sexos é registrada com estrutura ocupacional mais complexa).

E essa disparidade não se deve a aspectos comuns, mas sim, ao preconceito que ainda existe. As mulheres estão com formações elevadas, ocupam mesmo cargo que muitos homens, em certas situações estão mais à frente do que eles em questão de currículo, com grau de escolaridade mais elevado e com experiência. Mesmo assim, ainda recebem um percentual abaixo do masculino. Deixando em questão a igualdade de direitos, que elas tanto buscam.

---

Fonte: SEADE//O emprego feminino no Estado de São Paulo na década de 90://Mulher & Trabalho, Boletim 09.//São Paulo:/set.2002.//
Disponível em:< http://www.seade.gov.br/produtos/mulher/index.php>
Acesso em: 08 jul 2010.

Mesmo havendo tanta diferença salarial, não podemos deixar de notar que a mulher ganhou espaço e respeito mostrando um grande profissionalismo.

## 3. Estatísticas sobre a inserção da mulher no mercado de trabalho: a região metropolitana de São Paulo.

Seguindo a linhagem de estudos realizados pela Fundação SEADE (de acordo com os boletins "*MULHER E TRABALHO")*, será mostrado neste presente capítulo, dados da região metropolitana de São Paulo, que mostram como a mulher evoluiu no mercado de trabalho, em diversos setores no período entre 1989 à 2000. Toda essa análise de dados foi baseada nos estudos feito pelas autoras BRUSCHINI, C. e LOMBARDI, M. R.:

*Este estudo traz uma importante contribuição para o avanço do conhecimento sobre as formas de incorporação das mulheres ao mercado de trabalho. Tem como pano de fundo a constatação de que, em um mercado de trabalho segmentado segundo o sexo, a perda da capacidade de geração de postos de trabalho na indústria provoca maior impacto sobre os homens, que se concentram nesse setor, tradicional reduto masculino, ao mesmo tempo em que a expansão do terciário, reduto feminino, favorece o emprego das mulheres. Considerando que, na década de 90, houve aumento de assalariadas no setor formal da economia, em contraposição a uma perda de emprego assalariado masculino, o texto propõe uma análise da evolução ocupacional de homens e mulheres no Estado de São Paulo, no período de 1989 a 2000, com base em dados da Rais. Embora se refiram apenas ao segmento formal do mercado de trabalho, esses dados permitem fazer uma análise pormenorizada da inserção dos trabalhadores nos diversos grupos ocupacionais, assim como em seus subgrupos ou "famílias ocupacionais", de acordo com as classificações oficiais da CBO/Classificação Brasileira de Ocupações, do Ministério do Trabalho e Emprego.*

*Estudos sobre o trabalho feminino*[1] *tem chamado a atenção não só para a intensidade da incorporação das mulheres ao mercado de trabalho, mas também para as características de tal incorporação, que se dá em dois pólos bastante desiguais em relação à qualidade do emprego: de um lado, ocupações de má qualidade quanto a níveis de rendimento, formalização das relações e proteção no trabalho, como o emprego doméstico e o não-remunerado; de outro, as boas ocupações em relação a essas características, entre as quais estariam as profissões de nível superior – direito, medicina, arquitetura, para citar alguns exemplos – nas quais as mulheres passaram a ingressar principalmente em decorrência da ampliação de sua escolaridade e acesso ao nível superior de ensino. Esses estudos sugerem que é no interior dos grupos ocupacionais, ou mesmo de famílias ocupacionais específicas, que estaria ocorrendo, desde a década de 80, um lento, porém intenso e consistente, processo de transformação da incorporação feminina ao mercado de trabalho. Este texto oferece novos elementos para comprovar essa hipótese e entender como se dá tal processo. Apresenta, para cada grupo e família ocupacional, informações sobre número de empregos gerados ou perdidos, na década considerada, segundo o sexo do trabalhador. É possível, dessa forma, acompanhar os movimentos da mão-de-obra masculina e feminina no período, no setor formal, e localizar os nichos nos quais persistem formas tradicionais de emprego segundo o sexo do trabalhador, assim como desvendar as novas tendências de inserção laboral das mulheres, precisamente no lugar em que elas ocorrem. Uma análise da escolaridade, em associação a esses movimentos ocupacionais, introduz maior refinamento ao estudo, cujos resultados mostram tendências similares àquelas encontradas, para todo o país, em estudo recente de nossa autoria sobre tema semelhante e com a mesma base de dados* [2].

*Merecem ser destacadas, entre elas, as seguintes:*

*De maneira geral, não houve alterações marcantes na estrutura ocupacional feminina na última década, pois os movimentos do emprego formal entre as mulheres se associaram, em grande parte, a ocupações tradicionalmente femininas, como aquelas ligadas a serviços de limpeza, ocupações administrativas, magistério e enfermagem.*

*Mudanças significativas ocorreram em alguns grupos: no técnico-científico, pela ampliação da presença das mulheres em ocupações de nível superior (médicas, dentistas, advogadas, jornalistas e outras); nas ocupações do comércio, entre os vendedores e supervisores de vendas; no grupo dos gerentes (gerentes financeiras, comerciais e de publicidade) e dos diretores (diretoras de empresas de serviços comunitários e sociais).*

*Na década analisada houve aumento da escolaridade média da população brasileira, sobretudo a feminina, e maior seletividade na contratação, o que resultou em melhoria do perfil de instrução da população ocupada. Foram gerados 1,3 milhão de empregos para pessoas com pelo menos o ensino médio completo, em contraposição à diminuição de 1,9 milhão para os que não concluíram o ensino fundamental.*

*As mulheres ocuparam a maioria dos empregos gerados para pessoas com maior escolaridade; o segmento feminino respondeu por 71,6% das vagas para os mais escolarizados, o que está relacionado ao melhor desempenho das mulheres em ocupações de nível superior.*

*Tais achados mostram uma trajetória de inserção das mulheres em novos grupos ocupacionais, porém, como dizem os autores do texto em suas considerações finais, ainda falta um longo caminho a percorrer em direção à igualdade com os homens e à ocupação de outros espaços no mercado de trabalho.*

Cristina Bruschini

Pesquisadora da Fundação Carlos Chagas

[1]BRUSCHINI, Cristina. "Gênero e trabalho no Brasil: novas conquistas ou persistência da discriminação?" (Brasil, 1985/95). In: ROCHA, M. I. B. da (org.). *Trabalho e gênero – mudanças, permanências e desafios*. Campinas, ABEP, NEPO/UNICAMP e CEDEPLAR/UFMG, São Paulo, Editora 34, 2000, p. 13-58; BRUSCHINI, Cristina e LOMBARDI, Maria R. A bipolaridade do trabalho feminino no Brasil contemporâneo. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, Fundação Carlos Chagas/Autores Associados, n. 110, jul. 2000.

[2]BRUSCHINI, C. e LOMBARDI, M. R. "Instruídas e trabalhadeiras: trabalho feminino no final do século XX". In: ARAÚJO, A. M. C. "Desafios da eqüidade". *Cadernos Pagu*. (número especial). Campinas, Pagu/Unicamp, n. 17/18, 2001/02, p. 157-96

**ESPAÇOS TRADICIONAIS**

A estrutura ocupacional de mulheres e homens não apresentou alterações significativas entre 1989 e 2000 no Estado de São Paulo. Para as mulheres com emprego formalizado, o grupo de ocupação de maior peso em 2000 continuava sendo o formado por trabalhadoras dos serviços administrativos (31,0%), permanecendo com praticamente a mesma proporção de 1989 (29,7%). O segundo grupo mais relevante, composto por trabalhadoras dos serviços de limpeza e outros, representava 15,7% do total de empregos femininos em 1989, elevando-se para 19,7% em 2000. Portanto, esses grupos ocupacionais – em que se encontram as ocupações tradicionalmente desempenhadas por mulheres e agregam justamente as funções

---

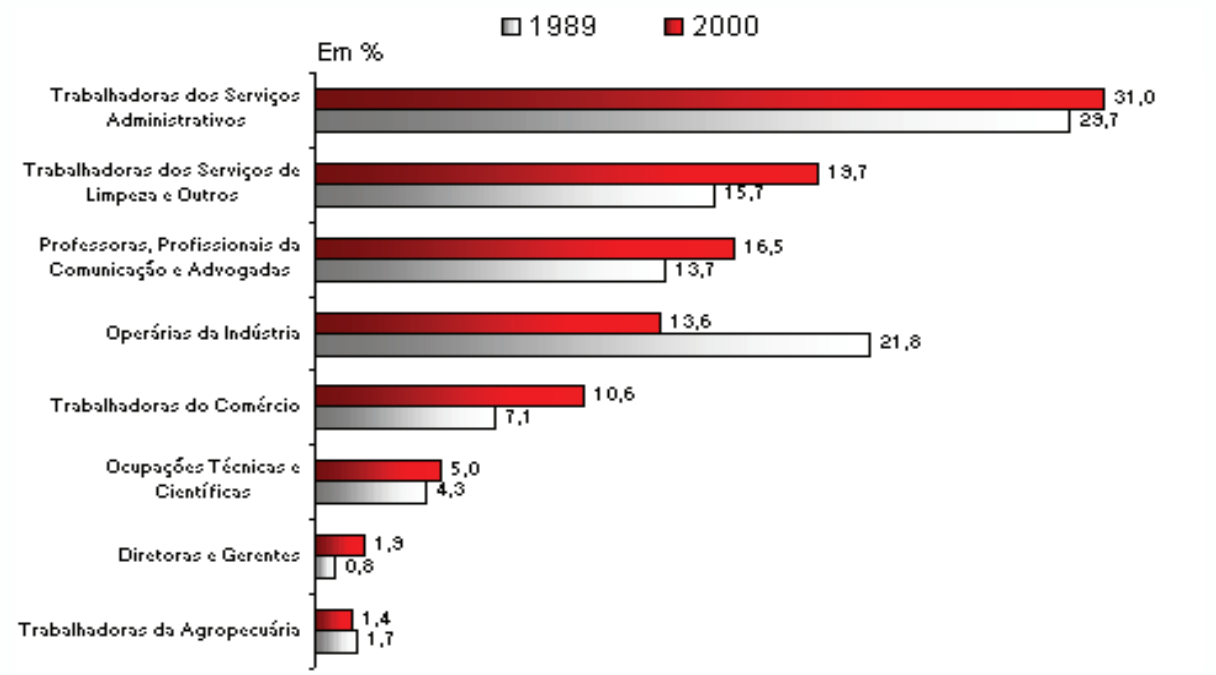
Fonte: SEP. Convênio Seade- DIEESE//Mulher no Trabalho:/Cresce a participação da mulher no mercado de trabalho.//São Paulo:/mai 97//
Disponível em:<www.dieese.org.br/esp/es2mai97.xml>
Acesso em: 11 jul 2010

que reproduzem seu papel no cuidado da família e na organização do espaço e do tempo, tais como trabalhadoras da limpeza, atendentes de enfermagem, secretárias e recepcionistas – continuam a representar aproximadamente metade do contingente de mulheres empregadas.

**Gráfico 1**

**Distribuição dos Empregos das Mulheres, segundo Grandes Grupos de Ocupações**

**Estado de São Paulo: 1989-2000**




**Fonte:** Ministério do Trabalho e Emprego – MTE/Relação Anual de Informações Sociais – Rais.
**Nota:** As ocupações ignoradas ou mal definidas representavam 5,2%, em 1989, e 0,3%, em 2000.

Simultaneamente à relativa manutenção do padrão de inserção de grande parte das mulheres, registrou-se aumento da participação das trabalhadoras do comércio (de 7,1% para 10,6% no período analisado), do grupo de professoras, profissionais da comunicação e advogadas (de 13,7% em 1989, para 16,5% em 2000) e de diretoras e gerentes (de 0,8% para 1,9%). Entre esses grupos, o único espaço tradicionalmente ocupado por mulheres é o de professoras, profissionais da comunicação e advogadas, especialmente pelo peso das mulheres

entre os profissionais em ocupações relacionadas à educação. Nos dois outros, embora majoritariamente ocupados por homens, tem-se observado aumento da inserção feminina.

O enxugamento das ocupações industriais ocorreu para as mulheres e, com maior intensidade em números absolutos, para os homens. No entanto, entre as mulheres, essa redução fez com que o grupo das operárias da indústria passasse da segunda posição na estrutura ocupacional, com 21,8% em 1989, para a quarta com 13,6% em 2000. Entre os homens, os operários da indústria, ainda que tenham registrado a maior diminuição do percentual no total de empregos masculinos (de 47,6% para 41,7%), permanecem como o grupo mais representativo no emprego formal dos homens, seguidos dos trabalhadores dos serviços administrativos, cuja participação manteve-se estável em 16,0% no período e dos trabalhadores dos serviços de limpeza e outros, que, ao contrário, intensificaram sua representação na estrutura do emprego masculino (de 9,0% para 14,2%).

---

Fonte: SEP. Convênio Seade- DIEESE//Mulher no Trabalho:/Cresce a participação da mulher no mercado de trabalho.//São Paulo:/mai 97//
Disponível em:<www.dieese.org.br/esp/es2mai97.xml>
Acesso em: 11 jul 2010.

# 4. CONCLUSÃO - Considerações finais:

Como foi visto no trabalho, por causa, inicialmente, da necessidade de ajudar no orçamento familiar a mulher se inseriu no mercado de trabalho a partir da I e II Guerra Mundiais.

Foi a partir desse período que ela iniciou a sua história no setor trabalhista e se tornou economicamente ativa.

No Brasil, conforme citado, ela começou a se inserir no mercado de trabalho a partir de 1970. Depois de o país viver em uma ditadura militar (uma forte recessão), a mulher tomou uma postura mais ativa tanto no âmbito social, político e também no econômico. No início ela começou a trabalhar por necessidade, mas foi aprimorando seus conhecimentos e se dedicando cada vez mais a sua carreira.

Analisando os fatos que ocorreram no decorrer das décadas de 70, 80 e 90 (chegando até os dias atuais), podemos perceber o quanto essa participação da mulher no mercado de trabalho teve seus aspectos positivos. Ela rompeu barreiras de discriminação e venceu alguns preconceitos. Na questão de cargos, houve grande evolução, pois a mulher galgou crescimentos importantes em cargos de chefia, gerência e até presidência. Mas, em contrapartida, a questão salarial ainda é um obstáculo a ser vencido, pois ainda há muitas disparidades.

Na década de 90, com a privatização de algumas empresas, a globalização e a abertura econômica, fizeram com que o quadro nacional do governo brasileiro mudasse bastante. Essas mudanças iniciaram no governo Collor e se intensificaram no governo FHC.

Nessa época, com o aumento da proporção de trabalhadores informais e a redução do emprego industrial, combinado ao crescimento do rendimento real dos trabalhadores e do

emprego nos setores comércio e serviços, podemos perceber, claramente, que esses são alguns dos reflexos que explicam o desemprego no país na década de 90.

Não somente o aumento do nível de emprego nos setores de comércio e serviços, como também com a chegada da crise asiática, a impossibilidade de manter o crescimento do produto devido à restrição externa, levou a um forte aumento da taxa de desemprego aberto a partir do início de 1998.

De acordo com os dados do DIEESE, a taxa média de desemprego aberto pulou de 7% para mais de 12% na década de 90. O mercado de trabalho então caminha para a informalidade. Em 1989, havia 25,5 milhões de trabalhadores com registro em carteira. Segundo dados das pesquisas realizadas pela fundação SEADE, houve um crescimento considerável da participação feminina no mercado de trabalho, nessa época.

Nos anos 90, a taxa global de participação feminina expandiu-se continuamente, tendo crescido 8,9% entre 1989 e 1996. Ao mesmo tempo em que a relativa aos homens diminuiu 3,6%. O aumento recente da participação feminina no mercado de trabalho resulta, principalmente, da maior inserção de mulheres na faixa etária de 25 a 39 anos e de 40 anos e mais, cujas taxas alcançaram patamares sucessivamente mais elevados com expansões de 16,5% e 20,1%, respectivamente, desde o início dos anos 90.

Passando por todos esses acontecimentos governamentais e na economia, a mulher vem conquistando seu espaço e alcançando patamares, que até então, eram conquistados somente pelos homens. Em geral a mulher se dedica mais aos estudos e isso a torna mais competitiva.

No estudo feito na região metropolitana de São Paulo, tendo como base a década de 90, podemos constatar que em um mercado de trabalho segmentado segundo o sexo, a perda

da capacidade de geração de postos de trabalho na indústria provoca maior impacto sobre os homens, que se concentram nesse setor, tradicional reduto masculino, ao mesmo tempo em que a expansão do terciário, reduto feminino, favorece o emprego das mulheres. Considerando que na década de 90, houve aumento de assalariadas no setor formal da economia, em contraposição a uma perda de emprego assalariado masculino.

De uma forma geral tendo como base o estudo realizado na região metropolitana de São Paulo, não houve grandes alterações na ocupação feminina na última década, porque os movimentos do emprego formal entre as mulheres se associaram a ocupações tradicionalmente femininas (magistério, ocupações administrativas, serviços de limpeza, etc.)

Mas não podemos deixar de citar que houve uma ampliação da presença feminina em ocupações de nível superior, ocupações do comércio e diretorias. Essa ampliação se deve ao fato de que a mulher se dedica mais aos estudos e em alguns casos chegam a ter um nível de escolaridade superior a dos homens. O segmento feminino respondeu a 71,6% das vagas para os mais escolarizados.

Após toda essa análise de dados e fatos históricos, no meu ponto de vista, foi de suma importância a inserção da mulher no mercado de trabalho. O ponto negativo que percebi foi que ao se dedicar mais a sua carreira, a mulher deixa, em alguns casos de se dedicar integralmente a família isso traz impactos sociais no que diz respeito à estrutura familiar.

Já, os pontos positivos, no que se refere ao setor econômico, a mulher contribuiu bastante para o desenvolvimento tanto da economia como também da área social. O perfil das famílias de um modo geral mudou, devido a sua dedicação aos estudos e a carreira, a mulher deixa um pouco a vida pessoal para segundo plano e isso podemos constatar, pois a taxa de natalidade nas últimas décadas diminuiu bastante.Dedicando-se mais a carreira, conforme citado, o perfil não só da mulher, mas da sociedade num todo sofre modificações. É fato que a mulher fez história e ainda continua a fazer.

# BIBLIOGRAFIA

BRUSCHINI, Cristina. **Gênero e trabalho no Brasil: novas conquistas ou persistência da discriminação?** (Brasil, 1985/95). In: ROCHA, M. I. B. da (org.). *Trabalho e gênero – mudanças, permanências e desafios*. Campinas, ABEP, NEPO/UNICAMP e CEDEPLAR/UFMG, São Paulo, Editora 34, 2000, p. 13-58;

BRUSCHINI, Cristina e LOMBARDI, Maria R. **A bipolaridade do trabalho feminino no Brasil contemporâneo.** *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, Fundação Carlos Chagas/Autores Associados, n. 110, jul. 2000.

BRUSCHINI, Cristina e LOMBARDI, Maria R. **Instruídas e trabalhadeiras: trabalho feminino no final do século XX.** In: ARAÚJO, A. M. C. "Desafios da eqüidade". *Cadernos Pagu*. (número especial). Campinas, Pagu/Unicamp, n. 17/18, 2001/02, p. 157-96.

GENNARI, Adilson Marques. Artigo: **Globalização, neoliberalismo e abertura econômica no Brasil nos anos 90.** Revista Pesquisa & debate. São Paulo, volume 13, n. 1(21), p. 30-45, 2001.

MARUANI, M. ; HIRATA, H. Livro: **As novas fronteiras da desigualdade**: homens e mulheres no mercado de trabalho/ Texto: Mulheres e Homens no mercado de trabalho brasileiro: um retrato dos anos 1990. BRUSCHINI, C. ; LOMBARDI, M.R. São Paulo: SENAC, 2003, p. 323 à 356.

OLIVEIRA, Alberto ; Potengi, F. . O papel dos negros e das mulheres na estratégia das empresas. In: V SIMPÓSIO de GESTÃO e ESTRATÉGIA em NEGÓCIOS, 2007, Seropédica. Anais do V SINGEN. Seropédica : SINGEN/UFRRJ, 2007.

POCHMANN, Marcio. (1999). **Estudo traça o novo perfil do desemprego no Brasil.** Disponível em < http://www.almg.gov.br/revistalegis/Revista26/marcio26.pdf > Arquivo consultado em 2010.

PROBST, Elisiana Renata.// A evolução da mulher no mercado de trabalho:/Instituto Catarinense de Pós-Graduação – ICPG:/
Disponível em: <http://www.icpg.com.br/artigos/rev02-05.pdf> Acesso em: 17 jun. 2010.

VEJA. Mulheres instruídas tem menos filhos. (2009).

Disponível em< http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/mulheres-mais-instruidas-tem-menos-filhos > Arquivo consultado em 2010.

BRITO, Érico Henrique Garcia de, e MENDES, Áquilas. (2009). **Os impasses da política econômica brasileira nos anos 90**. Disponível em < http://www.faap.br/revista_faap/rel_internacionais/rel_04/garcia.htm > Arquivo consultado em 2010.

UOL. Aprendiz. (2002). Disponível em <http://www2.uol.com.br/aprendiz/n_colunas/g_piolla/id220502.htm > Arquivo consultado em 2010.

BRASIL PROFISSÕES. (2008). Disponível em:

< http://www.brasilprofissoes.com.br/especial_mulheres.php.?codigo=11 >

Arquivo consultado em 2010.

DIEESE. (1997). Disponível em < http://www.dieese.org.br/esp/es2mai97.xml > Arquivo consultado em 2010.

SEADE. (2002). Disponível em < http://www.seade.gov.br/produtos/mulher/index.php > Arquivo consultado em 2010.

WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Texto: Feminismo no Brasil/ Século XX/ Dias Atuais/ História. Disponível em < http://pt.wikipedia.org/wiki/Feminismo_no_Brasil > Arquivo consultado em 2010.